

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

20 de junho de 2024

REALIZADORES CONVIDADOS: REGINA GUIMARÃES & SAGUENAIL

Sessão “O Espaço Que Se Torna Lugar”

À PROPOS DE NICE / 1930

A Propósito de Nice

Um filme de Jean Vigo

Argumento e Montagem: Jean Vigo / **Direção de Fotografia:** Boris Kaufman

Cópia: DCP, preto e branco, mudo sem intertítulos / **Duração:** 22 minutos / **Estreia Mundial:** França, 28 de maio de 1930 / **Estreia em Portugal:** Estúdio a 23 de fevereiro de 1973

BRECHT PARA PRINCIPIANTES /2015

Um filme de Saguenail

Realização: Saguenail / **Assistentes de Realização:** Inês Barbedo Maia, Luís Vieira Campos / **Estagiária de Realização:** Carlota Gandra / **Montagem:** Pedro Vasconcelos e Saguenail / **Argumento:** adaptação das peças didáticas de Bertolt Brecht “O que diz sim” e “O que diz não” encenadas por Igor Gandra e Carla Veloso para o Teatro de Ferro / **Interpretação:** Trabalhadores e utentes da Qualificar para Incluir, António Henriques, Bruno Cruz, Bruno Marques, César Fernandes, Dino Feição, Emanuel Guedes, Leandro Ribeiro, Ruben Malhadinhas, , Elisa Gros Rodrigues, Márcio Joel Teixeira, Sandra Mota Coelho, Soraia Santos, Teresa Saturnino e Fátima Fontes / **Imagem:** Paulo Castilho / **Assistente de Imagem:** Júlio Alves, Pedro Vasconcelos, João Abreu / **Som e Misturas:** Rui Coelho / **Música:** Fátima Fontes (interpretada por Fátima Fontes (piano) e Tiago Schwabl (flauta) / **Apoio à Direção de Atores:** Igor Gandra, Carla Veloso

Direção de Produção: Carla Veloso / **Assistentes de Produção:** Inês Barbedo Maia, Sandra Mota Coelho / **Produção:** Teatro de Ferro, Qualificar para Incluir - Associação de Solidariedade Social, Riot Filmes, Hélastre (Porto) / **Cópia:** DCP, a cores, falada em português / **Duração:** 31 minutos / *Primeira apresentação na Cinemateca*

DISTINTAMENTE (ARTE E MANHA) / 2021

Um filme de Saguenail

Realização, Imagem e Montagem: Saguenail / **Assistentes de Realização:** Lucas Tavares e Regina Guimarães / **Diálogos:** Regina Guimarães / **Interpretação (Voz):** Ana César, Ana Saltão, Carla Veloso, Clara Faro, Diogo Silva, Eduardo Rodrigues, Helena Lopes, Isabel Barros, João Alves, João Guimarães, Maio Afonso, Marta Nogueira, Mateus Guedes, Matilde Gandra, Paulo Barrosa, Renato Aires, Rosa Afonso, Rosa Guedes, Rui Manuel Amaral, Rui Oliveira, Sara Veiga, Susana Andrade, Tamina Sop / **Correção de cor:** Paulo Américo / **Som:** Bernardo Bento e Rafael Maia / **Misturas:** Rui Coelho / **Música:** Fernando Rodrigues

Produção: Hélastre (Porto) / **Cópia:** DCP, a cores, falada em português / **Duração:** 52 minutos / *Primeira apresentação na Cinemateca*

ORDEM CELESTE DE DESPEJO /2023

Um filme de Regina Guimarães

Realização: Regina Guimarães / **Montagem:** Regina Guimarães e Saguenail / **Música:** Fernando Rodrigues (GRUB - «Blackness within»)

Produção: Hélastre (Porto) / **Cópia:** DCP, a cores, falada em português / **Duração:** 10 minutos / *Primeira apresentação na Cinemateca*

Sessão com a presença de Regina Guimarães e Saguenail

“À PROPOS DE NICE começa a ser planeado em 1929 e é realizado no começo do ano seguinte. Se Vigo pode concretizar a sua estreia no cinema é graças ao dinheiro do sogro, que resolve apoiar, com 100 mil francos, a carreira do genro, dinheiro que este utiliza para comprar uma máquina de filmar em segunda mão. Na impossibilidade de arranjar apoio económico para o seu projeto sobre a história de Nice, para onde se deslocara, com a mulher, por motivos de saúde, Vigo opta por um documentário sobre aquela cidade. Com o apoio de Boris Kaufman a quem entretanto fora apresentado e que será o diretor de fotografia de todos os seus trabalhos, Vigo realiza o seu primeiro filme, que surge, desde logo, influenciado, por um lado pelo documentarismo soviético, especialmente o de Dziga Vertov (Boris Kauffman era o irmão mais novo do autor de O HOMEM DA CÂMARA DE FILMAR) mas onde o modelo de montagem de Eisenstein também deixa as suas marcas, por outro pelo CHIEN ANDALOU de Buñuel (a quem Vigo presta fervorosa homenagem numa palestra de apresentação do seu filme) pelas associações de imagem que se encadeiam umas nas outras. Mas o documentário de Vigo que vamos ver possuía uma respiração que, em certa medida, rompia com os cânones dominantes, o da vanguarda experimentalista de um Ruttmann e Man Ray. O lirismo e a poesia do documentário aliam-se a uma observação pícara e realista de pequenos pormenores, ao insólito e ao humor das situações nos momentos em que capta ao vivo a vida burguesa no Boulevard des Italiens, onde surge de súbito, destoando do conjunto, um vagabundo (...).¹

Esse contraste classista, permeia, na verdade, todo o filme, quando no meio multidão pequeno-burguesa, vemos um trabalhador que varre o chão, uma rapariga pobre com uma criança ao colo e, finalmente, de forma ainda mais evidente, nas imagens do quotidiano de um bairro. À PROPOS DE NICE, revela, assim, no seu intencionado retrato da cidade, das muito distintas atividades e comportamentos das pessoas que a habitam - a forma como estas pessoas se vestem, como interagem, e os subtis gestos involuntários que são cristalizados pela imagem fílmica -, uma certa perspetiva antropológica e sociológica. A cidade é transformada em lugar, *espaço geográfico experimentado, ocupado, habitado*, carregado de significados. Inicialmente apresentada como lugar de ócio e lazer para a classe média-alta, Nice revela – por vezes de maneira não tanto subtil -, as suas contradições, evidenciando a forma como as desigualdades se materializam na organização

¹ Excerto da Folha de Sala da Cinemateca, escrita por Manuel Cintra Ferreira, sobre À PROPOS DE NICE, de Jean Vigo.

e no ordenamento dos espaços, e como estes adquirem significados com base nessas mesmas relações. Uma preocupação que, de certa forma, trespassa esta seleção de obras, revelando-se nas distintas conversas e na contrastante relação que os empregados e os proprietários têm com a casa de **DISTINTAMENTE (ARTE E MANHA)**, mas também na perversa transformação do valor do lugar (do apartamento, da casa), pela imposição do mercado imobiliário, que testemunhamos em **ORDEM CELESTE DE DESPEJO**.

Se em **À PROPOS DE NICE** as imagens – as danças, as conversas -, não obstante o seu silêncio, sugerem uma sonoridade ausente. Em **DISTINTAMENTE**, dos personagens conheceremos só a voz e tentaremos rapidamente distingui-los dessa maneira. A ausência dessas figuras impele o observador a desempenhar esse papel que lhe foi atribuído, demorando-se pela casa, pelas suas obras, os seus pormenores e objetos, à medida que escuta a história que se desenrola naqueles diálogos, e que confere ao *espaço* um novo sentido. Esta casa-museu transforma-se assim numa espécie de mansão assombrada, habitada por presenças fantasmagóricas que revelam a sua existência a partir de um outro estrato temporal ou físico. A ação desenrola-se assim *exclusivamente* fora de campo, desafiando os limites da construção da cena cinematográfica e o próprio dispositivo.

A exploração do espaço cénico é também uma característica importante em **BRECHT PARA PRINCIPIANTES**, adaptação das peças didáticas de Bertolt Brecht “O que diz sim” e “O que diz não”, encenadas por Igor Gandra e Carla Veloso para o Teatro de Ferro, interpretada aqui pelos utentes e trabalhadores da associação Qualificar para Incluir. Nesta adaptação, as fronteiras entre o teatro e o cinema cruzam-se continuamente. Se, por um lado, os diálogos e a interpretação espelham a sua evidente influência teatral, é o cinema enquanto *medium* a permitir uma completa libertação das limitações do palco cénico, permitindo que a ação se desenhe pelos espaços do edifício da associação, explorando assim também a possibilidade de um espaço representar tantos lugares.

Voltemos a **DISTINTAMENTE (ARTE E MANHA)**, obra que se encerra com a abertura de um majestoso portal, fazendo, de certa forma, *raccord* com o filme seguinte – **ORDEM CELESTE DE DESPEJO**. Em ambos, navegamos por casas-museu, recheadas de objetos e obras de arte que, sendo muito distintas, se cruzam na mesma presença surrealista. No filme de Regina Guimarães, essas obras adquirem um carácter particularmente grotesco, animadas por universos distópicos marcados por representações de violência e antropofagia. Estas imagens, combinadas com a música de GRUB, transportam-nos para um cosmos tão sombrio como o da especulação imobiliária, caracterizada pelo surreal canibalismo do capital. Também aqui o espaço, o núcleo habitacional nos seus mais diversos desdobramentos, é resignificado desafiando a lógica capitalista que tende a considerar a sua infinitiva divisibilidade em relação ao lucro.

Sara Oliveira Duarte